



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 100\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam de desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 6 DE MARÇO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

Este Entrudo, este Carnaval, outrora tão ruidoso, tão animado, tão alegre, por vezes brutal, está na agonia... e, por mais que associações recreativas ou empresas turísticas pretendam insuflar-lhe vida... já lá não vai...

E se, já, velhinho. Teria, pelo menos, os seus três mil anos de existência, ao que parece, se o fizermos

Novo Edifício para os Serviços Médico-Sociais de Barcelos

Na intenção de esclarecer os nossos leitores, estamos habilitados a informar que o projecto para a construção do novo edifício para os Serviços Médico-Sociais de Barcelos, a construir no Campo 28 de Maio, no local onde há anos funcionaram as Escolas Primárias, foi aprovado superiormente, estando marcado para breve a abertura do concurso para a arrematação da obra que embelezará sobremaneira o Campo 28 de Maio.

É autor do projecto o ilustre Architecto Barcelense Sr. Francisca Pereira da Costa que teve a preocupação de fazer um edifício modelar, com a introdução de novos esquemas de funcionamento dos serviços internos do referido Posto, ficando, sem dúvida, Barcelos a contar com um esplêndido Posto para os Serviços Médico-Sociais.

Congratulamo-nos com a notícia, que damos em primeira mão, e esperamos que em breve vejamos erguer-se esse edifício. Pena é que da renovação no capítulo edilício, não resulte uma melhoria interna-clínica dos respectivos serviços. Pode ser que um bem traga outro, e bom era, porque já não é sem tempo.

Eng. Narciso Pereira da Costa

No passado dia 25 de Fevereiro faleceu, com 38 anos de idade, na Cidade de S. Paulo, Brasil, o Sr. Eng. Narciso Pereira da Costa, natural de Barcelos.

Frequentou o Curso Liceal no Colégio Alcáides de Faria e cursou Engenharia Civil na Suíça. Exerceu a sua actividade profissional no Brasil, onde veio a ser também director de algumas indústrias. Últimamente dirigia técnica e administrativamente uma indústria que ele próprio montou.

Casado com a Sr.^ª Dr.^ª D. Lígia Pereira da Costa, de nacionalidade brasileira, era pai dos meninos: Luís Octávio, José Guilherme, António Carlos, João Carlos e Paulo Sérgio.

Era filho da Sr.^ª D. Teresa Senra Pereira da Costa e do saudoso Sr. Sebastião Rodrigues da Costa, que foi industrial nesta Cidade, irmão da Sr.^ª D. Maria Carolina Pereira da Costa e Sá e dos Srs.: Architecto Francisco Pereira da Costa, Architecto Armindo Pereira da Costa e Leonel Pereira da Costa; cunhado das Sr.^ªs D. Imelda Aurora Iglésias de Almeida Pereira da Costa,

remontar às orgias da Grécia antiga, ou às folias dessas precisas eras.

Os sociólogos e filósofos, que se curvaram sobre este período de divertimento mascarado chegaram à conclusão de que se tratava duma descarga, pessoal e colectiva, de emoções retidas na alma humana, pelos constrangimentos de educação, policiamento e mais facetas da organização social.

A retenção, o recalçamento de certo número de emoções ia-se acumulando — e podia explodir. Antes que explodisse violentamente, os sábios organizadores da vida social abriram-lhe a válvula de escape da Entrudada... e aí vai: vinha tudo cá para fora: pulhas e partidas Carnavalescas em que cada um desabafava livremente; a máscara mostrava certas ambições secretas, desde o sadismo (máscara atemorizadora) até à necessidade de paz interior (máscara apalermada); as cégas eram a expressão da carência de movimentação de muita gente de vida sedentária e sonhos de aventuras agitadas — e, por aí fora.

Tudo era mais ao menos permitido nesse período orgiaco, em que a alma humana se purgava de todos os ressentimentos e agravos, vexames e pequenas ofensas, muitas vezes supostas, melindres e tudo o mais que a feria em longos dias do ano.

Depois... tudo acabava e voltava-se à rotina cotidiana, ao ramerame, à vida habitual, comezinha e começavam de acumular-se novos ressentimentos...

Esta salutar medida que tornava o Carnaval turbulento... e porco passou ser substituída por Carnavais civilizados, com corsos e bailes, que, de modo algum, substituíram a função catártica, purgativa, da velha folia. E, como se passava para um divertimento diferente — o órgão estiolou-se, por já não exercer a função para que foi criado. — e o Carnaval morreu.

(Continua na página 4)



D. Lore Pauline Woeller Pereira da Costa, Dr.^ª D. Maria do Céu Healy Pereira da Costa e do Sr. Manuel de Sá Gonçalves.

«O Barcelense» associa-se à dor que enlutou a ilustre Família Pereira da Costa e apresenta aos seus considerados amigos Srs. Architecto Francisco, Architecto Armindo, Leonel Pereira da Costa e Manuel de Sá Gonçalves o seu cartão de muito pesar.

Cartas de algures

Não vai há muito tempo que tivemos o agradável ensejo de notar em um dos importantes órgãos da Imprensa que se publicam na cidade do Porto, em correspondência enviada de outra cidade nortenha, interessante sugestão lembrando a alta conveniência de ser construída a montante da actual uma nova ponte de ligação entre Barcelos e Barcelinhos.

Mais recentemente, tivemos novo ensejo de ver em Jornal diferente mas da mesma cidade do Porto que a interessante sugestão era fortemente secundada, acrescentando-se mais a evidente necessidade, sob o ponto de vista de progresso e urbanização, de ser Barcelos engrandecida com um Palácio de Justiça, uma Escola Técnica, um Edifício privativo da Caixa Geral de Depósitos e um novo Bairro de habitações de renda económica.

Todos os assuntos sugeridos nos parecem dignos de desvelada atenção e certamente sobre eles recairá em devido tempo, por parte das respectivas autoridades o estudo prévio e as providências subsequentes.

Mas, entre todos eles, a questão da nova ponte sobre o Rio Cávado e do Palácio da Justiça, foram os assuntos que mais vincadamente se fixaram em meu espírito e deram

(Continua na página 4)

Pensamentos de Verdade

Impressões de Minha Terra

Como famos dizendo, encontrava-me de visita a terras de Barcelos, bebendo, a largos sorvos, o néctar delicioso da alegria da terra natal.

E naquele dia, depois de apreciarmos a nova estação, sua avenida e outras coisas mais, meu amigo e eu presenciávamos, na rua das fábricas têxteis, o notável movimento operário na saída do trabalho para o descanso e para o almoço.

Esse quadro surpreendente já descrito, a desbordar folclore e mocidade, pelo que representa de progresso social da minha terra, jamais poderá banir-se da menina dos meus olhos.

O meu interlocutor frisava ser esclateador um tal quadro que dispensava comentários, e por isso me desejava ali àquela hora. Relatou-me que, além das três fábricas daquela rua (Barcelense, Fiação e Tebe), havia outras, como a Gulal no lado poente e a Tor a nascente da cidade, e ainda várias fabriquetas pequenas do mesmo ramo, entre todas dando o pão a ganhar a milhares de famílias barcelenses e muita riqueza à Pátria.

Também acentuou que outras in-

dústrias importantes existem em Barcelos, como a Moagem que se ergue arrogante junto da estação, e notáveis fábricas de cerração, de cerâmica etc., não só na cidade mas através do concelho, tudo o qual me encheu de satisfação.

Em conversas de curiosidade fiquei a saber um pouco da indústria têxtil de Barcelos, que é a mais importante e progressiva.

Fiquei conhecedor, e com muito gosto aqui o registo, de que todo este progresso social é devido a esse grande homem e notável industrial, que é SENHOR COMENDADOR JOÃO DUARTE VELOSO, que, há mais de meio século, pôs em movimento a indústria têxtil de Barcelos, como bem o recordamos, criando a «Fábrica Barcelense»; depois outras unidades criara nesta cidade e na cidade do Porto.

É natural que essas empresas em movimento beneficiam outros muitos lares que delas vivem, em compras e vendas, através do País inteiro, beneficiando a Nação dum modo bem notável.

Todas as restantes têxteis existentes hoje em Barcelos, sejam pequenas ou grandes, por um título ou por outro aí tiveram a sua fonte de origem: dali partiram, para a criação de novas empresas, formados nas lides industriais do mestre atencioso e compreensivo, e várias vezes com cabedais de lá trazidos, os seus proprietários e gerentes fundadores, assim ficando Barcelos e seu povo a lucrar imenso nesse progresso sempre crescente, da Fábrica Barcelense dimanado.

Por tudo isso, e ainda pelo muito mais que ouvi da notabilíssima obra de assistência social realizada desde sempre pelo bondoso Senhor João Duarte, vejo com agrado que é considerado o barcelense número um, o benfeitor insigne de Barcelos e suas gentes, a quem tantas e tão notáveis benemerências são devidas, fazendo ele o bem possível a quantos tem encontrado ao longo da sua benemérita e laboriosa vida.

Porque a mão esquerda não sabe o que a direita faz, e porque as benemerências são de todos os dias e de sempre, até correm o risco de

(Continua na página 4)

NOTAS DA SEMANA

CARNAVAL

Terminou há dias o efêmero reinado do entrudo. Acabou a folia, a estúrdia, a fantasia. Já se calaram os farsantes, que, felizmente, em poucos dias tiveram azo para as mais disparatadas e hilariantes quimeras: de manhã, influenciados pelo doce turpor nocturno, eram «pierois» afáveis e bem dispostos; de tarde, o dinamismo diurno, modifica-os e disfarça-os de urso preto, menos duro que o urso branco; de noite, para o baile de circunstância, apresentam-se com outra máscara, com outra versão, nunca de acordo com o que são ou aparentam ser, disfarçando o «eu» autêntico, apresentado como as conveniências permitirem, graças à faculdade de metamorfose, própria da sua presença, omnimoda e simulante.

Quando passam no corso, desfile das bizarras de cada um, ora se dão a ares importantes de majestáticos momos, ora se disfarçam candidamente de ingénuos pagens e versateis, como são, transformam-se ou apresentam-se em palco e plateia, simultaneamente. Na quinta essência do mais requintado egoísmo, não podem consentir nem consentem a festa só para uns: estão ali também para a pândega e por isso é que de sérios e empertigados passam a chocarreiros e ridículos momos, de simples e apagados pagens transformam-se em diabretes divertidos e atrevidos, de figurantes em espectadores e vice versa, em total e absorvente confusão, como só o carnaval pode aconselhar e permitir.

Alegria, no entrudo, só para as crianças, ingénuas e felizmente ainda incapazes de compreender

a farsa, a ilusão do carnaval, cujos figurantes, maiores, se vadam naquilo que estimariam ser, naquilo que realmente são. Fuga da aparência para a realidade.

É ouvir dizer que o carnaval já não é nada do que era. Realmente tem razão quem fala assim. Escrevo no primeiro dia entre nós consagrado ao entrudo, mas que para muitos terá sido o último do carnaval, que hoje termina e hoje começa. O carnaval antigo, evasão de paixões, era de facto diferente. Limitava-se geralmente aos três dias consagrados pela

(Continua na página 2)

S. JOÃO DE DEUS

Velai por nós e rogai
Ao Deus do Céu e da Terra
Que afaste o clima de guerra
O ódio que por aí vai...

Entre o que se ergue e o que cai
Interpõe vossa bondade,
Ó Príncipe da Caridade
Intercedei, suplicai!...

Lembrai-lhes a nossa pobreza
Junto da Grande Riqueza
Do seu fiel coração:

Junto de quem nos entenda,
Dalguém que nos compreenda
Sem fingimento ou traição.

B. F.

ECOS

Para que a tradição seja mantida na destruição de ideais e consequentemente para que nada se faça, começam a surgir polémicas cheias de valor humano (?), a que uma ou outra frase mais comovente dá a força necessária e garante a aceitação pela maioria dos leitores mentalistas.

Embora sob o justo desígnio de pôr branco o que é branco, tudo o que se bem escrevendo sobre camaradagem, e não só na nossa Página Académica, denota tacahez de visão geral deste assunto, tão delicado e difícil de expôr quando dele se quer partir para a obtenção de resultados práticos.

Tendo-se colocado cada um na restrita representação do seu papel, originou-se um clima de contenda ideológica, demasiado subjectiva para que dele algo se conclua e que, ao leitor juvenil, o mais interessado, nenhum proveito auferisse.

Não seria pois destituído de muito mais interesse, fundir os vários prismas pelos quais se tem decomposto uma luz, que é afinal igual para todos e, por um só obter o espectro único e real cuja análise redundaria no progresso e alargamento da camaradagem que desejamos.

O problema carece de solução certa pois que a idade propícia para uma correcção frutuosa é a que atravessamos. Se nada fizermos, não é difícil prever mais cinquenta anos de isolamentos e questionculas como base de outro tanto tempo de inacção.

É do desagrado geral o antagonismo que se cria num momento em que bastante se faz para a concretização de um tão desejado bem estar geral. Este mal resolver-se-á (esta ideia não traduz uma ingénua credulidade) se as palavras dessem lugar às acções.

Assim, a Página Académica e outros órgãos que presentemente labutam em prol de uma juventude melhor, seriam o meio mais directo de lançar sugestões que, convenientemente interpretadas, dariam início a um convívio mais intenso entre jovens. Por outro lado, as mães deveriam começar a acompanhar as filhas em vez de, valendo-se da natural sugestão, as tornarem desconfiadas e

perigosamente cépticas nas atitudes para com os rapazes.

A promoção de reuniões juvenis em época que o afã preparativo (este constitui por si só um meio favorável à verdadeira camaradagem) não prejudicasse os que estudam, daria não só aos pais a possibilidade de tomarem conhecimento das companhias das suas filhas, como também ao rapaz a de ter perante si reparagens que, embora descontraídas pela simples segurança que a presença materna lhes dá, tornam a camaradagem mais cordial e até mais cavalheiresca.

Ver-se-ia então evitado o rebatimento de pontos de vista através de artigos de Jornal e passar-se-ia a fazer directamente uma frente à questão que, não canso de repetir, carece de rápida solução.

Outros meios há para fomentar uma confiança mútua, entre rapazes e reparagens. Cabe a todos os de boa vontade transmiti-los áquelles que, por algum motivo estejam à espera de um impulso.

Aos que se ocupam a preencher colunas com o único propósito de alcançar mérito jornalístico, espero ter feito chegar o ECO da juventude, insatisfeita com a deturpação de um fim que a todo o custo quer alcançar.

E. ENCARNAÇÃO

NOTAS

No propósito de defender aquilo a que chamaremos «espírito da Página Académica», fazemos contas.

(1) O comunicado dos escuteiros, a máxima teológica e o Humorismo infantil, insertos no número 3 desta Páçica, dela exorbitam e só se justificam por certas limitações inerentes ao Jornal Barcelense.

(2) Para uma boa compreensão do artigo do colega F. Vilas-Boas deve-se ter presente a parte publicada no número anterior.

MÁXIMAS

«Os covardes morrem mil vezes antes de morrer; os valentes só morrem uma vez» — *W. Shakespear.*

«Não há situações desesperadas; há apenas homens que se desesperam com as situações.» — *Oscar Wilde.*

SEXUALIDADE

Sem querer atemorizar ninguém e confiando na autoridade dos médicos, diremos que grandes são os estragos que provêm do comércio ilícito. Temos ouvido muitas vezes e insensatamente alegar a imunidade contra tais perigos só porque, após o acto com pessoas doentes, nada viram em concreto. Segundo o autorizado pedagogo *Dr. Thiamer Toth*, quem uma vez teve relação sexual com uma mulher perdida é contaminado, quase sempre.

Paga-se bem caro por alguns segundos de prazer. Como consequências físicas, poucos dias após a relação suspeita, é frequente advir a «blenorragia», causada por uns micróbios de nome «gonococos», adquiridos da prostituta. Lançados no sangue, estes procuram regiões delicadas do corpo como as mucosas da boca e das pálpebras, provocando por vezes a cegueira blenorragica. Por vezes o «gonococo» não se contenta com tais regiões e, então, dirige-se e instala-se nas válvulas do coração, causando dores e a «cardiopatia blenorragica». Afirmou um sexologista que cerca de metade da cegueira observada nos países cultos da Europa e da América são de origem blenorragica.

Outra doença é o cancro, chamado «cancro mole». Pode adquirir-se por simples contágio.

Mas ainda a mais terrível das doenças venéreas é a sífilis, doença característica da prostituição. É contagiosa e hereditária; os seus agentes são uns micróbios de nome «tropicomas». Trata-se duma doença muda: o sífilítico durante relativo tempo, não sabe que é portador da mesma. É altamente contagiosa: por relações sexuais, beijos e outras fontes, como copos, xícaras, etc. O «tropicoma», pode emigrar dum corpo para outro através de tecidos delicadíssimos, como são quase todos os dos órgãos internos, os lábios ou através de qualquer arranhadura ou ferida na pele. Dos lábios, quem nos assegura que não têm qualquer greta microscópica? A sífilis não é uma doença estável, mas evolui no organismo humano em fases, atingindo o expoente máximo lá pelo vigésimo ano após o contágio com os mais consideráveis estragos físicos e psíquicos, podendo chegar à loucura.

Se o mal ficasse só por aí... Mas por hereditariedade o doente transmitirá o mal à inocente esposa e aos inocentíssimos filhos. Quantos filhos imperfeitos, doentes desde o berço e mortos logo após terem visto a luz do dia! Muito se poderia evitar se, com a vida, recebessem dos pais o vigor físico e um físico são.

Divagamos sobre os males físicos, mas os males morais não são de menor monta. O indivíduo que não tem domínio sobre si durante a vida de solteiro e vive uma vida desregrada, não pense que se emenda em casado só porque se casou. Se alguns se emendaram foi à custa de muitos sacrifícios e de força de vontade; o casamento foi um estímulo para o induzir ao bom caminho. Todas as recordações de solteiro passarão na vida íntima de família como um filme e a custo poderá ver a esposa idealmente pura, como todo o homem deseja, ainda o mais devasso. Aos que pensam ser possível amara a esposa e outras mulheres ao mesmo tempo responderemos com uma frase do Evangelho: «não é possível servir dois senhores ao mesmo tempo».

Não será muito mais difícil amar

a esposa que a troca de carinho e amor lhe massacra a cabeça com a exigência de dinheiro para o sustento seu e dos seus, enquanto alguém se contenta com bem menos? Assim é, realmente. E qual o exemplo que um chefe de família deve dar aos seus? Eis alguns males morais.

Sendo um assunto de capital importância para o bem do indivíduo e, por este, da sociedade, forçoso se torna combater o mal. Em primeiro lugar conduzam o fim do sexo a um ideal: Deus! Porque Deus o quer e nos dará o prêmio. Mas também há outro ideal: a noiva que, pura, terá o direito de exigir uma alma casta e um corpo são. Pensem no crime que praticam ao conspurcarem a beleza moral e física duma rapariga.

Mas se o mal começou, isto não basta. E então deverá recorrer à Medicina, se suspeitarem de alguma doença venérea. Dir-lhe-emos que, por descargo de consciência, não seria em vão que de quando em quando se analisassem, prevenindo-se contra a sífilis, já porque é uma doença que toma o indivíduo às caladas, já porque é de terribéis consequências tanto para o indivíduo como para os seus. Abster-se de tal vício é um modo utilíssimo para a educação da vontade necessária à vida conjugal.

Os que se abstiverem do chamado «comércio ilícito» receberão como troféu de tanto sacrifício na recusa persistente à insinuação do instinto, serenidade e paz de espírito, maior resistência deles próprios e dos seus à doença e uma vida mais longa.

Digam o que quiserem da continência pré-matrimonial, mas a mais elevada prenda que um rapaz pode oferecer à sua noiva será uma alma casta num corpo são.

Francisco Vilas Boas

FUGA À ROTINA

Contrariado o sentimento quase geral de impotência camuflada e na necessidade de novos horizontes culturais, um grupo de pessoas despetensiosas e já auto-libertadas de um condicionalismo condenado desenvolve hoje um dia todos os esforços no sentido de dar forma a um ciclo de Iniciação Teatral.

Esse ciclo na sua idealização mais pura irá apresentar-se na base de uma associação cultural afectada a — levar à cena peças que melhor traduzam a problemática do homem contemporâneo;

— facultar a saída do anonimato a todos quantos queiram penetrar no âmago da arte de representar;

— experimentar novas técnicas de encenação;

— preparar na medida do possível um público consciente na missão universal do teatro.

Esta tarefa empreendida exige certamente uma grande tenacidade, um não desespertar constante e por vezes heróico na medida em que as forças da rotina, salvaguardando a lógica de uma mentalidade absorta, tentam sempre neutralizar quaisquer arrancadas de despreendimento. Tendo também na conta as inúmeras vantagens que podem advir com a sua concretização, torna-se justo que todos os barcelenses saibam não só estimar como colaborar com esta iniciativa.

Manuel Bandeira

PROBLEMAS DO ENSINO

II

Tratamos aqui de alguns problemas de ensino e detivemo-nos, principalmente, sobre a matemática e as ciências experimentais. Uma vez começado, era nosso dever, já não digo esgotar o assunto, mas, pelo menos, continuá-lo. Certamente que nos esquecemos de muita coisa e outra terá sido tratada algo superficialmente, mas tivemos sobretudo a intenção de focar o mais remediável — porque não? — o que mais nos atinge e aflige.

Assim, não será descabido abordar aqui o caso do ensino da História, em particular na instrução primária. Embora correndo o risco da menor exactidão ao pretender definir por poucas e simples palavras o que, em si, é vasto e complexo, diremos que a História se ocupa de factos do passado em que o homem teve papel preponderante, factos (e só esses) que influíram no estado de civilização das gerações posteriores; não pode ser um amontoado, quase sempre desconexo, de nomes e datas. Conscientemente, ninguém admitirá que um aluno da 4.ª classe, depois de estudar a História Portuguesa, fique com uma noção, aproximada que seja, da cultura ou da economia, da indústria ou do comércio, das relações sociais, na vida portuguesa de outrora.

A História, em certo aspecto, é comparável à Estatística. Uma e outra são úteis e têm contribuído duma maneira extraordinariamente eficaz para o progresso material e moral dos povos. O que é preciso é saber fazer uma escolha dos factos que melhor representem o panorama geral e conferir-lhes o valor que, efectivamente, possuem.

É costume apresentar ao aluno os factos que melhor possa reter, dada a sua invulgaridade. Não importa se foram acidentais ou essenciais na vida do povo, como também não importa se representam fielmente o clima social da época ou se, pelo contrário, vão conduzir, no aluno, a uma visão distorcida da realidade. Interessa é dar-lhes guerras, aventuras, «coisas» extraordinárias, e depois, não fossem tomadas por brincadeiras, vá de se lhes dar um aparente carácter de precisão e de seriedade, de verdade científica, à custa de datas e dos nomes dos autores das proezas e, de quando em vez, das suas damas. Caimos num desenrolar de episódios, nus burlescos, outros de elevado índice moral, uns intencionais, outros aleatórios, e analisam-se as saliências e reentrâncias da superfície, do que é mais facilmente visível, e despreza-se o interior, a essência que é sempre suporte do acidente. Far-se-á isso por economia de trabalho ou por comodismo, não discutimos, mas não é pelo valor intrínseco ou por melhor eficiência.

Os professores defender-se-ão ao abrigo dos programas oficiais, dos compêndios de História que se encontram no mercado e que, duma maneira geral, não satisfazem e podem invocar ainda a deficiente preparação que trazem do curso geral dos Liceus. Simplesmente, os programas oficiais assentam em linhas muito gerais e não restringem a qualidade da matéria a expor e, por

outro lado, os compêndios não são afinal tão indispensáveis como à primeira vista pode parecer. Concordamos, no entanto, em que há no ensino da História ao nível liceal uma preocupação grande em enumerar e expor factos, o maior número deles, em prejuízo duma avaliação ponderada e cuidadosa das causas e consequências de cada um em todos os aspectos da vida nacional. Para disfarçar o mal só vemos um caminho que, de resto, já foi aqui traçado: professores profissionalmente capazes e alunos dispostos a aprender e a estudar. De que a solução é viável, não restam dúvidas; da maior ou menor dificuldade na sua viabilidade não cabe aqui tratarmos. Passemos agora a ocuparmo-nos da educação artística, física e moral.

Por vezes, não se reconhece ao aluno o legítimo direito de se aperfeiçoar neste ou naquele domínio artístico e, assim, se realizar plenamente. Do programa oficial do ensino liceal e cremos, até, que do primário (a dúvida justifica-se pelo que se segue) fazem parte aulas de canto coral e de desenho decorativo, desenho à vista, etc. Mas — e aqui vai a justificação — quem as toma com carácter de utilidade essencialidade que, efectivamente, têm? Não são os alunos mas esses têm sempre a desculpa de que os professores não exigiram.

O que se disse adaptar-se, ponto por ponto, à educação moral e física do aluno. E vamos mais longe: estamos em crer que removidos todos os obstáculos que ora se opõem a uma cada vez mais acentuada especialização nos diferentes ramos da ciência e da técnica, ficará a educação artística, moral e física como denominador comum, como série de conhecimentos de carácter geral que todo o indivíduo deve aprender. Sobre tudo a educação moral do aluno deve merecer, por parte dos professores, uma atenção especial. Mas que não se limite aos de Religião e Moral. Vamos a dizer que é nesta disciplina que o aluno encara com maior relutância os ensinamentos morais. O aluno prefere à exposição teórica e monótona uma exemplificação prática convincente; prefere ao compêndio de moral bem apresentado a justiça, a compreensão e a amizade personificadas no professor. Mas essa preferência ultrapassa-se: constitui um direito. O que não é aconselhável é impor ao aluno os bons princípios morais, as normas de boa conduta em sociedade, pela hora dum irresponsável, duma aberração social. A interdependência evidente que existe entre o homem e o professor, a dificuldade de um se esquivar ao outro leva fatalmente o professor a exteriorizar os defeitos e as virtudes que o animam, e os seus ensinamentos serão sempre um reflexo mais ou menos nítido da sua conduta em sociedade. Quer dizer: o amor que o ensino da moral exige, como vocação que é, colide com a despersonalização do professor.

Haverá os fascinados pela técnica, os de espírito modernista, renovador, activo (isto costuma ser auto-caracterização), os aduladores da máquina a confundir moral com pieguitice, com retrocesso, com tacahez mental.

AUTOCONFIANÇA

— A vitamina n.º I da FELICIDADE

Há muitos séculos atrás um filósofo grego chamado Sócrates disse:— Conheço-te a ti mesmo. Suponho que nessa altura ninguém previu a importância que uma tal frase iria desempenhar na história do pensamento humano.

Mesmo presentemente acho que muito poucos terão consciência de quanto é difícil pôr em prática a afirmação de Sócrates. No entanto muitos anos após Sócrates ter deixado de existir a sua máxima foi a pedra base de uma das mais espectaculares doutrinas filosóficas que já foi dado aos homens conhecerem. O seu criador: — Emerson.

Ele disse: se queres ser feliz atrela o teu carro a uma estrela. Confia em ti mesmo e não tenhas medo.

Para que confiemos em nós próprios com o apoio de todas as nossas faculdades é necessário que nos conheçamos. Pecado é tudo aquilo que fazemos e que briga contra o nosso temperamento e contra a nossa maneira de ser. Todos os grandes empreendimentos foram realizados por homens que confiaram plenamente em si mesmo e que tinham uma consciência precisa daquilo por que lutaram; a energia e a coragem de que necessitavam eram fruto da sua auto-confiança.

Anulemos pois todos os preconcei-

Luis Alberto

para o estudo. A abnegação dos pais opõe-se a ingratidão (ou a incapacidade) dos filhos. E o problema surge quando para satisfação dos primeiros se recorre, para um bom aproveitamento no exame, a processos menos licitos e claramente injustos. É evidente que um aluno desses usará na vida o seu curso apenas um título e daqui decorre que foram mal empregues o tempo e o dinheiro gastos.

Primeiro, é necessário mentilhar: se houver estudantes, os haja conscientes e voluntários. Grande ideia foi a da extensão do ensino primário obrigatório a seis classes. Depois, aos doze anos, pelo menos, o aluno estará em condições de tomar uma decisão.

Ter vontade é essencial. Que a escolha seja consciente!

Rui Boaventura

Académica

Correspondência a «O Barcelense» — Página Académica — Barcelos

PENSAMENTOS DE VERDADE

(Continuação da página 1)

passar despercebidas no rolar do tempo, à semelhança do sol que nos aquece, ilumina e vivifica sem que o apreciemos condignamente no dia a dia da nossa vida, ao mesmo sol devida.

Mas a notável obra assistencial de João Duarte especialmente se encaminha a procurar o bem-estar do seu pessoal, pelo qual vela com o melhor carinho do seu magnânimo coração:

Mas a notável obra assistencial de João Duarte especialmente se encaminha a procurar o bem-estar do seu pessoal, pelo qual vela com o melhor carinho do seu magnânimo coração: é uma carrinha que, veloz e gratuitamente, transporta as operárias mais distantes para a fábrica e desta para casa; é a creche dos filhos das operárias, que assim podem trabalhar e cuidar dos seus pupilos, sem se verem obrigadas a deixá-los abandonados em casa ou entregues a pessoas estranhas; é a colónia de férias para os filhos do pessoal; é a assistência médica e medicamentosa de há muitos anos praticada; são os quinze dias anuais de férias pagas, porque o Patrão, na sua solícita bondade, «parte do princípio acertado de que os oito dias legais não são suficientes para o seu pessoal repousar, depois dum ano de intenso trabalho»; são as generosas gratificações do fim do ano a todo o pessoal que as recebe radiante; é o salário que se paga às operárias em casa doentes; são muitas vezes as intervenções médicas, especializadas que se pagam também; são as reformas ao pessoal definitivamente inválido; são os pagamentos de renda de casa (especialmente de pessoal da fábrica) até elevada soma mensal; é o pequeno almoço diário a todo o pessoal, que importará certamente em muitos contos mensais; são os quinhentos escudos que, por cada ano de fábrica, são ofertados a cada operário, sendo-lhes entregues cumulativamente na sua despedida normal da empresa; senhora há pouco beneficiária desta bela regalia assim ma relatou, contente porque tinha recebido oito mil escudos, que considera uma prenda excelente para o início do seu lar.

E que diremos das confortáveis casas e dignos bairros de moradias que, desde sempre, o Senhor João Duarte teve o cuidado de ir erguendo para pessoal seu? É também esta uma obra social de vulto que não posso passar em silêncio nestas linhas de impressões de Barcelos. A verdade é o que é e as coisas são como são, cabendo-nos vê-las com gosto e reconhecê-las como tais.

Sua Excelência, se acaso souber desta prosa da autoria de admirador que talvez já não conheça porque esquecido os tempos moços, perdoa-me o atrevimento e os açoitos que vou deixando cair na sua bem conhecida singeleza e na sua modestia que, a par duma fidalga distinção e grandeza, a sociedade venera, admira e estima na sua amável pessoa.

Tem ainda o Sr. Duarte o invulgar mérito de a si próprio se fazer com sua obra industrial e social, o que sempre muito se aprecia, aquilatando do valor dum homem, tendo subido muito alto por seu pé e esforço, por um trabalho de justiça, dignidade e honradez; também teve

o condão, na sua proverbial bondade, de outros muitos ajudar a crescer, numa compreensiva colaboração ou em generosidades sem fácil confronto.

Sim, já eu sabia do antigo bairro João Duarte, junto da estação ferroviária, e de outras moradias a que antes aludi. Mas só agora tive conhecimento do grandioso bairro recentemente construído a norte da cidade. Não resisti à tentação de o visitar e admirar com carinho, porque é um vincado progresso da minha terra que muito amo, amando também os homens que assim a fazem progredir. Ah! Se houvesse por aí mais alguns João Duarte!... Como não estaria Barcelos!...

Pois bem; gostei muito do novo bairro, constituído por aqueles dois blocos arrojados, de vinte e quatro espaçosas e condignas moradias, já habitadas por pessoal da Fábrica Barcelense. Creio que ainda não foi oficialmente inaugurado, mas já cumpre a sua finalidade maravilhosamente, num primoroso local cheio de sol, alargando a cidade para norte como se impõe.

Sua Excelência cedeu uma quinta para esta obra habitacional, que continuará a estender-se e a embelezar Barcelos naquela notável área de terreno, onde se criou também um jardim infantil para diversão das crianças do mesmo bairro. Estão-se rasgando novas ruas em conformidade com o plano de urbanização. No mesmo privilegiado local já se vêem alguns outros prédios que, segundo me informaram, são de pessoal superior da mesma empresa.

Se bem que esbeltos e de bom gosto, estão eles longe de poderem considerar-se de luxo ou de grandeza na sua sóbria construção. Mas encontram-se bem enquadrados nesse notável progresso social barcelense. Bem haja o Senhor Comendador João Duarte Veloso, insigne benemérito da nossa terra, e de outras também, a quem Barcelos e suas gentes tanto devem e a quem sempre saberão pagar com a fidalguia do seu amor e gratidão.

Bem haja Barcelos por esta nota radiosa de progresso industrial e social, a outorgar bem-estar aos seus filhos e mais riquezas à terra lusa.

(Seguiremos)

Virgílio Augusto

Venda de Pinheiros

Aceitam-se propostas para 400, no Penedo Ladrão. Serão entregues se convier, ao proponente de proposta mais vantajosa.

Falar na Quinta da Igreja, Santa Maria de Abade, com o Sr. Aurélio.

Eduardo Correia Vilas-Boas

Tem hoje o seu aniversário o nosso prezado amigo Sr. Eduardo Correia Vilas Boas, Empregado Superior da Fábrica de Malhas Tor, desta cidade. Ao aniversariante desejamos a continuação de muitos anos mais no convívio de sua estimada família.

Cartas de algures

(Continuação da pág. 1)

motivo às pobres regras que com natural humildade pedimos licença para fazer delas sumária exposição.

Estas regras, além de constituírem sincero louvor dirigido aos Jornais em alusão e aos autores da interessante prosa a tal propósito publicada, constitui também o meu agradecimento pela parte infinitesimal que porventura possa caber-me no elogio dirigido à terra e a gente de Barcelos.

Efectivamente, e limitando-me apenas, por agora, ao problema relacionado com a construção da nova ponte, cremos não haver alguma de que a vultuosa corrente de movimento pela margem esquerda do rio entre Barcelos e a cidade capital de Distrito, acrescida do grande movimento que, vindo do Sul, e servindo-se do importante nó de comunicações constituído por Famalicão, procure conhecer as belezas do Alto Minho, justificam plenamente a construção da referida ponte, ampla bonita, elegante como tantas outras que por esse país fora têm sido erguidas com vista à comodidade dos povos e, por acréscimo com vista ao aumento da beleza paisagística.

A intensidade do movimento, que chega a dificultar o trânsito nos dias de feira e a torná-lo quase impossível em dias de festa, aconselham a pedir sem descanço a realização de tal obra.

De resto, na verdade, a cidade de Barcelos é digna de carinhosa solicitude por parte de todos os filhos do Concelho e da melhor protecção por parte das superiores Entidades Governativas.

Conforme é geralmente sabido mas faz bem e é bom recordar, trata-se do burgo que deu base ao primeiro Condado estabelecido pelo grande rei D. Diniz, com área territorial limitada e não, como anteriormente, simples designação de grau herárquico, harmónico com a organização social da época.

Raiz do primeiro Ducado e depois do Ducado de Bragança, o Ducado berço da Quarta Dinastia, causa o efeito da gloriosa Revolução, consagrante definitiva da Independência Nacional.

É a cidade que ostenta a ufania da Casa do Condestável, a cidade que possui o sugestivo monumento ao grande Missionário Bispo D. António Barroso, mais o monumento erguido em homenagem a todos os Bombeiros Voluntários, facto de que o mundo culto apenas conhece, salvo erro, um único exemplo: Padrão semelhante levantado em formosa e ampla praça da República do Chile.

É finalmente a Sede do Concelho em cuja área se situa uma das mais famosas relíquias histórico-arquiológicas: o célebre Castelo dos Alcaides de Faria.

Confiemos em que o Governo há-de fazer a Barcelos a justiça que merece.

João de Santo André

Farmácia de Serviço

Amanhã, Domingo encontra-se de serviço permanente FARMÁCIA ANTERO DE FARIA Largo Dr. Martins Lima

SRS. AUTOMOBILISTAS

Nada de confusões!...

Já se encontram em Barcelos as afamadas

Baterias Bosch
BOSCH É BOM

DEPOSITÁRIO EM BARCELOS:

Auto Acessórios Barcelense

Rua D. António Barroso, 70-74 TELEFONE, 82759

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

Tudo o que, agora, há, é pretender ressuscitar um morto... à custa de muito dinheiro, pago a profissionais, que fingem que se divertem e que procuram divertir os outros, que, também, fingem que se divertem...

Quem se diverte, realmente, são as crianças, no folgado alegre que ainda dimana do Carnaval.

E pergunto: mas, então, o que é que, na realidade, substitue aquela função purgativa dos ressentimentos e outras emoções recalçadas na alma humana, aquela válvula de escape destinada a impedir que a acumulação de muitos desses sentimentos intoxicasse essa mesma alma humana?

Não sei se é intenção carnavalesca, se é mera coincidência — mas, neste Domingo Gordo, em que escrevo, o Jornal de Notícias, no seu número dominical, traz um artigo tético em que diz que, pior do que a bomba atómica é a necessidade de água potável — deixando antever que o homem acabará por morrer à sede...

As indústrias — e refiro-me às indústrias sérias — observem cada vez mais água: desde a cervejaria à da fabricação do aço, não falando nas intermediárias. Essa água é retirada do consumo público, alimentar.

Mas, este consumo, tende a aumentar, dia a dia, porque também aumenta a população.

Há, já, países em que a falta de água é tanta, que as crianças estão proibidas de brincar ao sol, para não transpirem e, sequiosas desnecessariamente, beberem uma água que faz falta.

Mas, a par destas indústrias que, legitimamente, necessitam de água para a sua laboração, há as que, clandestinamente, inserem a água no seu tráfico, nos seus circuitos.

É o que acontece, por exemplo, com os compradores de vinho, legítimo e bom, ao lavrador que o produz e, depois, pela adição de água multiplicam o líquido que vendem, e já não é vinho, para aumentar os seus lucros... à custa, evidentemente, dos parvos honrados.

Ora bem.

Pergunto se isto não será o resultado da falta de Carnaval, género Entrudo.

Os que vão acumulando na sua alma mesquinhos sentimentos de ganância, ambição e avareza, descarregariam esses sentimentos pela entrada e tudo estaria certo.

Não o fazendo, a alma vai-se-lhes intoxicando e tornando perversa, triminosa e, o tempo em que deveriam divertir-se, passam-no a magicar como não-de locupletar-se à custa do próximo, o que não-de fazer para o prejudicar.

Para uns, surgem dadas modalidades de crimes; para outros, a oportunidade diabólica é a mixórdia de vinhos...

Assim, contribuem para que a humanidade morra à sede mais depressa do que se pensa: porque em se descobrindo a manobra, a mixórdia acaba por ser inutilizada e é menos água que fica para se beber. Menos água... e menos vinho...

Falcão Machado

CAMISAS CUECAS
CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS (PORTUGAL)

MÁQUINAS DE COSTURA
SUPREMAVOLGA
CISNE

À venda na CASA DOS RÁDIOS de

ARMINDO SILVA

(Ao lado do Senhor da Cruz)

Telefone 82708

Agente oficial no Concelho de Barcelos

Companhia Editora do Minho

Assembleia Geral Ordinária

Convoco a reunião da Assembleia Geral Ordinária da Companhia Editora do Minho para o dia 20 do corrente, às 15 horas, na sede social, para discutir e votar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, do exercício de 1964.

Se por falta de número legal de accionistas ou de representação de capital se não puder deliberar naquele dia, fica desde já designado o dia 27 do mesmo mês, à mesma hora e no mesmo local, para se efectuar a reunião.

Barcelos, 2 de Março de 1965

O PRESIDENTE DA MESA

a) Humberto Carmona Coelho Gonçalves

Encamisagem, Rectificação e Renovação
de Cilindros de Motores de Rega,

Motos, Scooters, Motorizadas, etc.—Reconstrução de Cambotas.

Serviço inconfundível, sem demora e com garantia absoluta.

Motos JAVA

Motorizadas:

HONDA

M. S. C.

FAMEL

VANGUARD

MOTOCICLO BARCELENSE

DE

José Augusto da Silva Alves

Rua Dr. Manuel Pais

Telefone 82560

BARCELOS

Motos, Motores,

Motorizadas e

Acessórios.

Moto-Serras

«PIONNER»

Rolamentos FAG

Os cilindros encamisados são marcados com o símbolo JASA sendo o seu resultado igual aos novos, e até por vezes superior, com a vantagem de poderem ser rectificadas.